

HABITAR A CIÊNCIA, TRANSGREDIR VERDADES, INTERDISCIPLINARIZAR SABERES¹

HABITAR SCIENCE, TRANSGRESSING TRUTHS, INTERDISCIPLINARITY THE KNOWLEDGE

Josenildo Soares Bezerra² - UFRN

RESUMO

As discussões em torno das Ciências Humanas, saberes interdisciplinares e educação crítica, desde sempre causam polêmicas e desconfortos no embate acadêmico. As chamadas Ciências Exatas e Biomédicas, que possuem outra lógica de pensar e mensurar os fatos, acreditam que os cientistas das humanidades vivem em devaneios e poetizando o fazer pesquisa. A princípio, devanear, poetizar, fazer das nossas pesquisas uma verdadeira obra de arte não tem nada de errado, pois estamos em um campo do saber que o subjetivo e a falta, o vir-a-ser é nosso esteio basilar para pensar o humano e suas infundáveis demandas do existir. Nesse texto trago reflexões sob a luz de Merleau-Ponty (2004), Morin (2010) e Foucault (1999), Bataille (2013) e, então, interdisciplinarizar possibilidades de construir saberes a partir de dispersões conceituais, deslizamento entre áreas conhecidamente incapazes de produzir saberes em comunhão, para pensar em uma sociedade mais equânime e liberta de maniqueísmos. Transdisciplinarizar para construir saberes.

Palavra-chave: Ciência; Verdade; Interdisciplinaridade; Saber; Transgressão

ABSTRACT

The discussions around the Human Sciences, interdisciplinary knowledge and critical education have always caused controversy and discomfort in the academic struggle. The so-called Exact and Biomedical Sciences, which have another logic of thinking and measuring the facts, believe that humanities scientists live in daydreams and poeticize doing research. At first, to wander, to poetize, to make our researches a true work of art, there is nothing wrong, since we are in a field of knowledge that the subjective and the lack, the becoming-is our basis for thinking the human and its endless demands of existing. In this text I bring reflections under the light of Merleau-Ponty (2004), Morin (2010) and Foucault (1999), Bataille (2013) and then, interdisciplinarizar possibilities of constructing knowledge from conceptual dispersions, slipping between areas known incapable of to produce knowledge in communion, to think of a society more equanimous and free of Manichaeisms. Transdisciplinarize to build knowledge.

Keywords: Science; Truth; Interdisciplinarity; To know; Transgression

DOI: 10.21920/recei72019513118127

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72019513118127>

¹ Texto apresentado na conferência de fim de semestre no Programa de Pós-Graduação em Ensino - POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN).

² Doutor em Estudos da Linguagem/UFRN, professor do Departamento de Comunicação Social/UFRN. E-mail: soares.bezerra@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9324-6664>

INTRODUÇÃO

O texto que, nesta manhã, será motivo de nosso diálogo, apresenta-se sob a forma de um mosaico de leituras, fragmentos de memórias advindas de minha “em formação acadêmica”, pois acredito que terei um longo des-caminho a seguir, tomar direções sinuosas, confusas e “errantes”, assim, encontrando e desencontrando noções, teorizações, objetos empíricos e modos de percorrer nas Ciências do Homem que nos convida a sair de nossos lugares cerrados dos saberes, para uma INtranquilidade INdisciplinar de apreender e olhar nossos sujeitos de pesquisa, muitas vezes, para o espanto de estudiosos das ciências duras, com pares de óculos diferentes. Esse olhar mestiço que a Linguística Aplicada, apresentada por Moita Lopes (2006), lida com objetos de saberes INcomuns, pois traz vozes marginais, aquém de qualquer objetificação de estudos clássicos, mas que estão aí na dobra, na sombra, na dispersão dos saberes tradicionais e fechados em “meia dúzia” de fórmulas, de esquemas e de teorias que já não dão conta de sua fluidez.

Assim, nosso diálogo objetiva, a priori, pensar os lugares do saber sob uma perspectiva mestiça, propondo que esses lugares são tão plurais quanto as áreas do conhecimento acadêmico-científico e humano que merecem ser vistas por todas as disciplinas (no sentido de um aglomerado específico do conhecimento) para promover a equidade na sociedade e, por que não, amenizar sofrimentos para tantos que necessitam.

Partiremos de dois polos norteadores, tornando mais didática nossa interação: 1. Através dos conceitos de Ciências, em Foucault (1999) e Merleau-Ponty (2004), transgressão disciplinar, com Foucault (2009), e interdisciplinaridade com Morin (2010), Agamben (2010), Moita Lopes (2006) e grande quantidade de já-ditos constituidores de saberes nas Ciências Humanas, porém sem desejar exaurir o assunto; 2. Usando lentes analítico-críticas para meu percurso acadêmico e profissional, tentando fugir por vezes de divagações.

PENSAR É ENSAIAR: a ciência e seus medos

Atrevo-me a afirmar que a ciência, a partir do olhar que não dá conta de tudo, que sempre escapa, promove certos maniqueísmos afim de se tornar lugar de certezas dogmáticas e estancar suas dispersões. Merleau-Ponty (2004, p. 13), no Olho e o espírito, convida-nos a pensá-la como “A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-la”. Uma crítica ao tratamento do saber que transita por entre tabelas, operações de índices, variáveis, gráficos, baremas..., mas só de longe, com muita acuidade, opacidade é que confronta com o mundo real. Pensar é ensaiar, operar, transformar de maneira experimental o saber. O autor reforça que, quando um modelo é bem-sucedido, quando dá conta de certos problemas, é aplicado como verdade e em toda parte. Tomemos de empréstimo a noção de gradiente das ciências biológicas, em que este é entendido como variabilidade das espécies e, penso, o quão representativo é tal conceito para refletirmos nosso fazer nas ciências humanas. Olhar nossas pesquisas, nossos sujeitos de estudo, nosso fazer ciências humanas sob um gradiente, é como lançar uma rede de pesca ao mar, sem saber o que recolherá. Esse gradiente de possibilidades e variedades é traço basilar do nosso fazer. Merleau-Ponty conclui que a partir da compreensão que produzir saberes científicos, também é entender que este opera aqui, mas fracassa alhures, e que as nomeações dogmáticas de certa forma, viraram um pesadelo do qual a ciência olhava como um pensamento sobrevoou. No que tange ao homem, nada é verdadeiramente certo ou errado, pois a dinamicidade da vida cotidiana, as instituições, sejam discursivas ou não discursivas, a produção de saberes das demais ciências mudam a todo instante o lugar de visibilidade desse homem. Essa desordem disciplinar, trazendo

para o olhar de Michel Foucault (como *teckne*, saberes verdadeiros e capazes de produzir sujeitos), é o lócus de entendimento e de desconforto de nossos saberes humanos.

Não pretendo aqui reforçar que há saberes encerrados em si mesmos, em suas áreas especializadas do construir verdades que apenas se utilizam de baremas e formulações, e de outras, de certa forma, plenas de possibilidades conceituais em que o sujeito (fragmentado, em vias de Ser, prestes a morrer enquanto Homem moderno) estão em oposição. Quem as coloca nesses pés de desigualdade e de importância, somos nós, pesquisadores confortavelmente apegados em especializações de saberes. Minha proposição é que, desde sempre algo escapa a tais normas, a verdades pronunciadas que não dão conta. Assim, é nessa dispersão que o humano se apresenta de forma fraturada e ao mesmo tempo, plena. Fraturada enquanto lugar possível de ser pensado por vieses outros, pelo que muitas vezes as próprias ciências humanas também não dão conta por utilizar metodologias e teorizações repetidas e comuns a tantos estudos. Mas, ao mesmo tempo, plena no que se apresenta como espaço do saber do homem que tem a possibilidade de pensar minúcias, divergências, possibilidades desse homem enquanto um sujeito do vir-a-ser. Recorro, então, a Veiga-Neto (2009), no artigo intitulado “Teoria e Método em Michel Foucault (im)possibilidades”, em que apresenta uma discussão epistemológica e metodológica de caráter não-representacionista, não-essencialista e não-fundacionista sobre método e teoria:

No fim das contas, parece também estar sempre presente nessas questões uma certa indomabilidade que é tão frequente no pensamento foucaultiano. E, na busca de uma citação que possa resumir tal indomabilidade metodológica e teórica, lembro como Pierre Bourdieu conclui o necrológio elogioso que dedicou a Foucault: “Nada é mais perigoso que reduzir uma filosofia, principalmente tão sutil, complexa, perversa, a uma fórmula de manual” (Bourdieu, apud Eribon, 1990, p.307). E, na busca de uma metáfora, recordo o poeta para dizer que aquilo que a teoria foucaultiana do sujeito e suas metodologias conseguem fazer, enfim, é uma “roupa melhor, que ficará bem cingida: como roupa feita à medida” (VEIGA-NETO, 1995b, p. 185).

E assim, recorrendo aos versos de Morte e Vida Severina, diálogo no momento que os amigos levam o defunto ao seu túmulo, João Cabral de Melo Neto fala dessa roupa melhor cingida e feita à medida, que pode ser bem empregada para as teorizações, metodologias, análises e escolhas de nossos empreendimentos empíricos, promovendo uma analítica mediante as particularidades de cada sujeito estudado, costuramos proposições teóricas e apreensões de dados. As ciências humanas apresentam espaço muito peculiar para tais elucubrações.

Os campos da ciência que tratam do conhecimento a partir de estratos fechados de saberes, concordam com visibilidades e dizibilidades, produzindo legibilidades conceituais. (DELEUZE, 2005, p. 57), segurança ontológica do dito, produção estável e confortável de um saber que não gera dúvidas, nem põe em xeque os postulados erguidos. E, mais à frente, Deleuze (2005,) reforça “é preciso então, rachar, abrir as palavras, as frases e as proposições para extrair delas os enunciados, como fazia Raymond Russel, inventando seu procedimento”. Assim também vemos no fazer ciência humana, rachar saberes, reinventar procedimentos para dar conta das nuances de cada sujeito/objeto empírico analisado.

Foucault, em *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, apresenta conceituações, que o mesmo mais adiante como teorizações, pois esta permite que façamos operações conceituais e torne-a tão flexível, quanto a necessidade diversa das nossas pretensões

empíricas. Ele afirma que o Homem não é privilégio das ciências positivistas e que, a partir da concepção do pensamento moderno, ele torna-se objeto empírico das humanidades também. Assim, as ciências humanas olham para o Homem no que ele tem de eminentemente humano (sensações, moralidade, ser político, imaginação, paixão... entre outros traços humanos) que já foram estudados, quantificados, analisados, sob vistas das ciências hard (VEIGA-NETO, 2009).

Com o advento da Revolução Industrial, as ciências humanas tornaram-se cada vez mais uma via do saber sobre os humanos e suas relações consigo, com os outros e com as instituições. Foucault (2009) aponta que no século XIX, houve uma explosão dos saberes humanos e, assim, aponta três áreas, intituladas Tiedro dos Saberes, compostas por Ciências Matemáticas e Físicas; Linguagem, Natureza e Economia; Filosofia Funcional. Esse Tiedro lia o homem a partir de representações da Máthesis, da Taxonomia e pela Linguagem, com base na Gramática Geral. Lugares do saber bem fixos e sem transcendências, entre outros saberes. Assim, eram constituídos sob a égide do Tiedro, quando assumiam outros limiares, estavam sempre avizinados de suas teorias e representações.

A des-matematização nas ciências humanas ainda na contemporaneidade é um trabalho por se fazer, pois, como afirma Foucault (1999, p. 482) acerca dos instrumentos matemáticos:

É, seguramente, de primeira importância, conhecer esses instrumentos, poder aplicar essas formalizações, descobrir os níveis em que podem ser efetuadas; é, sem dúvida, interessante para a história saber como Condorcet pôde aplicar o cálculo das probabilidades à Política, como Fechner definiu a relação logarítmica entre o crescimento da sensação e o da excitação, como os psicólogos contemporâneos se servem da teoria da informação para compreender os fenômenos da aprendizagem.

Com o aparecimento desse homem moderno, as métricas centradas nas visibilidades e dizibilidades matemáticas já não se sustentam. Podemos pensar que, a partir daí, passamos por um momento de Des-matematização e Des-mensuração das Ciências Humanas e do Homem.

Nessa perspectiva, também se faz mister des-biologizar a compreensão do homem em suas produções subjetivas e culturais. Propomos pensar as ciências humanas como um corpo sem órgão - um CsO aproximando-se da teorização Deleuziana (2012, p. 13) “Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sínus, ver com a pele, respirar com o ventre”. As ciências humanas moderna, através de seus demais campos de estudo, esquadrinha o homem, vira-o ao averso, procura compreendê-lo como um vir-a-ser, sujeito que reitera seu ser e seu cotidiano através das relações, da linguagem enquanto locus de representações e simbolismos, agindo e agido pela cultura e na cultura. Tais pistas sinalizam esse CsO que, sem os mesmos, podemos pensar o homem sem normatizações e estabelecimento de limiares, medidas e funções.

Para acessar o Homem, faz-se necessário ir para além dos determinismos e positivismos. É urgente acessá-lo no que ele tem de diverso, complexo, subjetivo alternativo, de seus desvios. Apesar de reflexões mais densas, da falta de teorizações e saberes que possam ler o homem com perspectivas fragmentadas, porém, humanas, no século XIX, algumas superfícies epistemológicas de contato são percebidas: superfícies biológicas, superfícies econômicas e superfícies da linguagem. Assim, os modelos de leitura e de compreensão da condição humana perpassava pelo reino de modelos biológicos, econômicos e filológicos. Para isso, algumas consequências: 1ª) as ciências humanas não devem ser mera continuação das ciências empíricas, pois os saberes se

modificaram e o homem apareceu como campo epistemológico; 2^a) as ciências humanas tratam das representações como da ordem das possibilidades, pois há certa nuance transcendental. Foucault (1999) aponta que não é apenas o homem o objeto de estudo das ciências sociais, mas a possibilidade epistemológica que constitui o homem como objeto.

Dir-se-á, pois, que há “ciências humanas” não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos. (FOUCAULT, 1999, p. 505).

Foucault(2009) ainda afirmava que as ciências sociais faziam parte da epistemê moderna, como a medicina, química, a linguística e a história natural fazem parte dos saberes clássicos. Não diminuindo a importância de existência e de análise de ambas, mas apresentando seus limites conceituais e de especialização para compreender o objeto empírico do outro.

TRANSGREDINDO VERDADES E INTERDISCIPLINARIZANDO SABERES

Em “Sobre a morte do homem e o super-homem”, Deleuze (2005, p. 122 2 123) afirma: “Reconhece-se o pensamento clássico por sua maneira de pensar o infinito. É que toda realidade, numa força, ‘igual’ a perfeição, sendo, então, elevação ao infinito (o infinitamente perfeito); o resto é limitação, mera limitação”. Pensar o infinito, produzir verdades incontestáveis, pronunciar discursos que encapsulam em diagnósticos, matrizes e percentuais quantitativos disto ou daquilo, é senão um viés classificatório, e por que não dizer, proposições das ciências clássicas. Mas, os caminhos que as ciências humanas vem galgando, ora parando, retrocedendo, avançando, transgredindo, nos mostra que o homem moderno (moderno em termos foucaultiano) com suas infundáveis faltas, faz-se aparecer como objeto/sujeito empírico cada vez mais em estudos na Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Geografia, Linguagem e demais áreas das ciências humanas.

Aqui, cabe também reafirmar quantos estudos, projetos e teorizações em conjunto, que as ciências médicas, químicas, farmacológicas e afins produzem pensando no bem-estar do Homem, em seu prolongamento de vida saudável, em adequações hormonais para a Existência dos sujeitos Trans, adequando-os ao gênero praticado, a Neurociência alinhada aos estudos da Comunicação, do Direito. Enfim, verdades sendo transgredidas na constituição de outros saberes eminentemente humanos. A transgressão descrita nos períodos anteriores, funciona pondo em questão os sistemas normativos de verdades, normas, regras, leis em que já fora impensável ir de encontro, mas que encontra, na regulação da subjetividade humana, brechas para escapar dessas verdades incontestáveis, novas formas de subjetivação, outros matizes, cores que escaparam das formulações da escala pantone primárias e secundárias, mas que colorem nossos modos de Ser Humano. É essa transgressão de pensar sobre o humano, suas relações, suas (im)possibilidades classificatórias que tornam os estudos de outrora incertos, impossíveis de produzirem verdades descentradas e especializadas sobre o ser humano contemporâneo. Por tratar-se de um diálogo transdisciplinar e pedagógico, essa descentração não é surpresa, nem tampouco, o que trago para nosso diálogo não esteja causando incômodos, pois tratamos aqui de pares no mesmo fazer Ciência. Também, não causará espanto, tecer teorizações, poemas, divagações, mitos, sem deixar de ser científico, sem tratar das questões humanas com respeito e seriedade. Trago Nikolas Rose (2001) e seus descentramentos sócio-filosóficos, em seu artigo “Inventando nossos eus”, ao

afirmar o que pode ser o humano de nossos estudos, pesquisas e análises. Rose (2001, p.139), nos alenta acerca da morte do sujeito: “os humanos nunca existiram, nunca puderam existir, nessa forma coerente e unificada - a ontologia humana é necessariamente a ontologia de uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo”. Essa afirmativa promove a ruptura com um humano espacialmente centrado, detentor de sua compleição física, de sua moralidade e afetos. Podemos encontrar a escrita transgressiva desse humano e seus afetos no que Foucault, nos anos 1963, escreve em texto em homenagem a Georges Bataille, intitulado de Prefácio à Transgressão. No texto, Foucault (2009, p. 32) afirma:

A transgressão é um gesto relativo ao limite: é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta seu fulgor. [...] o limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago. [...] Nada é negativo na transgressão.

Foucault (2009) escreve nesse texto um verdadeiro tratado sobre o que é transgredir, que vai desde as questões da sexualidade, das regulamentações jurídicas, linguísticas e psicológicas. Encontramos aí, um texto transgressor, pois não apresenta o homem pelo olhar apenas filosófico e literário, mas adentra em questões da Ótica, da Física e as faz dialogar entre elas. O que seria essa prática senão interdisciplinarizar saberes para uma compreensão mais densa do que somos? Os conceitos de interdisciplinar, transdisciplinar e transgredir apresentam-se como complementares e deslizam seus sentidos convergindo para o inter-relacionar campos de saberes para compreensão da realidade do homem. Cabe frisar que nessa compreensão não há lugar para ciências melhores, mais detentoras de saberes que outras. Elas encontram-se com a primazia de promover debates, de constituir saberes, de revogar sentenças dogmáticas e, assim, apresentar uma nova forma de fazer ciência.

Promover o baldiamento às formas físicas do saber, atravessá-los com certo desdém não significa negá-lo, ou negligenciá-lo, mas contestar acerca dos limítrofes e alcances teóricos. Foucault (2009, p. 34) afirma:

A contestação não é o esforço do pensamento para negar existências ou valores, é o gesto que reconduz cada um deles ao seus limites, e por aí ao Limite no qual se cumpre a decisão ontológica: contestar é ir ao núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define seu ser.

Essa relação do ir aos limites transgredindo postulados, contestando o teor das verdades anunciadas, abre-se à possibilidade de novos vazios a serem preenchidos por saberes ‘mestiços’, bem diferentes dos pacotes científicos de verdades amalgamadas em postulados das ciências hard. Limitar os campos dos saberes em caixas, em conhecimento especializado, é por sua vez, produzir a mutilação. Promover a transdisciplinaridade de saberes no preenchimento desses vazios, é atentar para o que Egdar Morin (2010) propõe em Ciência com Consciência acerca de pensar as ciências naturais e físicas numa perspectiva histórica, cultural e humana. Assim, cria-se a possibilidade de comunicação entre os campos de saber, mas como num diálogo. Esse diálogo promove a transdisciplinaridade.

A partir de então, podemos nos questionar, aos moldes de Agamben (2009) “O que é pesquisar no contemporâneo?”. E essa sentença tem uma relação ímpar com a

Transdisciplinaridade e com a transgressão na ultrapassagem dos limites, pois nos leva a transitar das teorias clássicas às atuais, rompendo os limites temporais e, ao mesmo tempo, dando lugar para as teorizações deixarem de ser uma engrenagem num tempo histórico e empoeirada, para fazerem o movimento cíclico de se desconstruir, reconstruindo-se e se renovando ao se juntarem com tantas outras teorizações e leituras da empiria de cada pesquisador, estudioso, analista. Ser “contemporâneo” (grifo meu) para Nietzsche era lidar com o intempestivo (anotações de Roland Barthes). E ser intempestivo, analisando sob o conceito de “tudo é positivo na transgressão”, apresenta radicalmente o questionar, o atravessar os regimes de verdades e inquietar-se diante de um certo obscurantismo das leis postuladas pelos campos cerrados do saber.

Aqui, não estamos nos referindo apenas às ciências naturais e físico-químicas, mas também podemos situar teorias aplicadas aos sociologismos, antropologismos, psicologismos e demais enclausuramentos que as áreas das ciências humanas, muitas vezes, quando nos propõem pesquisar/estudar imbuídos de uma neutralidade, afastamento, ou mesmo, anonimato diante dos fatos empíricos; distanciamento analítico das verdades propostas por teorias que não dão conta de entender as nuances que deveriam reverberar no conceito, sempre no plural, de Ciências Humanas. Entendendo o conhecimento científico como lugar fluido, e biodegradável, Morin (2010, p. 22) nos alerta:

A evolução do conhecimento científico não é unicamente de crescimento e de extensão do saber, mas também de transformações, de rupturas, de passagem de uma teoria para outro. As teorias científicas são mortais e são mortais por serem científicas. A visão de Propper registra com relação a evolução da ciência vem a ser de uma seleção natural em que as teorias resistem durante algum tempo, não por serem verdadeiras, mas por serem as mais bem adaptadas ao estado contemporâneo do conhecimento.

Tomar as verdades da ciência como perecíveis, ou melhor adaptadas aos discursos contemporâneos do conhecimento, aponta para um fazer ciência sempre-já em vias de atualizá-las, dialogar com o cotidiano dos seres, das coisas, dos homens e de suas representações. É tornar os saberes como contemporâneo (aqui no sentido de Agamben) de manter o olhar fixo em sua cotidianidade, mas não perder de vista o passado. Agamben (2009, p. 62) metaforiza com as luzes e o escuro. Entendendo que o escuro não deve ser visto como passividade, mas como um esforço de neutralizar as luzes. E ser contemporâneo/Transdisciplinar em nosso olhar, é não se deixar cegar pelas luzes do século e enxergar as peculiaridades da sombra. Tomemos as luzes/fogos de artifício como as ciências *hard* com suas postulações clássicas e cerceadora de saberes marginais que pululam nas sombras e na obscuridade da vida em curso. O autor ainda apresenta, via metáfora, o saber e o tempo enquanto as vértebras que devem ser quebradas, fissuradas para nos libertarem e possibilitarem uma relação com outras temporalidades, gerações e teorizações menos inteiras, compactas e eternas. Essas concepções nos apresentam novos modos de ver, sentir e educar, pautadas no respeito aos sujeitos que se situam às margens do saber disciplinar, das pesquisas produtoras de verdades únicas e imutáveis. Assim, promovemos saberes adisciplinados, antidisciplinados, transgressivos, e postulamos, um rei sem reinado (FAURÉ, 1992, p. 142), uma ciência sem verdade, com prazo para se repensar, mudar e dialogar com outros saberes, afim de elucidar suas faltas.

Os saberes perecem e se reconfiguram em todos os campos. Só por ser ciência, já necessitam dessa reconfiguração. A exemplo disso, no livro *La pintura de Manet*, para Foucault (2015), a história da arte e suas representações da pintura ocidental, a partir do século XIX,

apresenta uma ruptura com a linearidade, iluminação interna e angulações. Isso tudo, numa dimensão de visibilidade e leiturabilidade uniformes, entra em choque com uma técnica arrojada e subjetiva em que Manet inaugura o descentramento do entendimento das obras de arte clássicas, representando sua pintura para além da moldura, uma ideia de movimento, de iluminação que também vem do exterior da tela, combinando-se com as técnicas de iluminação e de hierarquia de cores, apresentando, assim, uma “nova gramática verbovisual”. De acordo com Lupton (2009), uma “alfabetização do olhar” bem como, plena de intericonicidade³ Jean-Jacques Coutine (memória das imagens).

Transdisciplinarizar os saberes e sentidos é, por sua vez, correr riscos e algumas dificuldades, dado o esforço em pesquisar/estudar sob um solo movediço e demasiadamente incerto. Movediço, pois estamos em um campo de saberes que apresenta uma multitude de certezas, de verdades, ora pronunciadas e endossadas pelo campo social e dos especialistas, mas que mudam constantemente pela dinamicidade das áreas, dos avanços técnicos, das descobertas que nos põem a correr diuturnamente atrás de verdades verdadeiras em determinadas conjunturas. O que fora postulado ontem, já pode ser questionado logo após sua publicação. O conhecimento científico, assim, já nasce com sua morte anunciada. Não podemos perder de vista que, apesar dos discursos institucionalizados da tecnociência, da medicina, economia e das matemáticas, o perecimento dos postulados das mesmas é tão plural e sua longevidade é tão incerta, quanto os estudos realizados pelas ciências da humanidade. Incerto no que podemos conferir que o conhecimento escapa a toda compartimentalização, irrigando assim, a vida humana e suas reverberações no campo bios, sócios e intelectual, pois o saber se constitui na inquietação. Recorrendo a Michel Foucault (2009), afirmamos que é mister aferir que a ciência é o que fazemos dela. Uma vez que descobrimos através de exercícios analíticos, vazios conceituais, pensadores audaciosos, acredito que transdisciplinarizar saberes já é uma realidade constitutiva das ciências. O que precisamos é educar os pesquisadores e estudiosos, reelaborar nossos planos de curso, experimentar outras parcerias, fazer tensionar nossos saberes. Em resumo, transdisciplinarizar e transgredir nossas estabilidades e confortos acadêmico-disciplinares. Assim, concordando com Marisa Vorraber Costa⁴ (2007, p. 13), “interrogar, ponto a ponto, minha trajetória de pesquisadora moderna”. Isso talvez nos ajude a promover ensinamentos menos rígidos, doutrinadores e capazes de levar discentes que nos ouvem, a desobedecerem⁵ os saberes doutrinadores. Sim, desejo alunas e alunos desobedientes e que se sintam com disposição a promover des-caminhos, des-obediências, adentrando em labirintos do saber que são, de fato, libertadores.

Acerca dos labirintos que encontramos no fazer ciência, seja ela em que área for, Corazza⁶ (2007, p. 105-106) nos encoraja a transitar por eles:

Os labirintos são construídos com repartimentos polimorfos, de disposição esteticamente enredada, tortuosa, intrincada, que nunca repetem sua própria forma, sendo que tais feitiços são justamente aqueles que os tornaram um lugar complicado e, muitas vezes, inextrincável e admiravelmente emaranhado. Seus corredores estão dispostos em uma ordem tumultuosa, que depois de neles entrar é quase impossível encontrar a saída, mesmo que desejemos. O traçado de seu desenho é formado por linhas sinuosas e imprevisíveis, das quais,

³ Para mais informações sobre Intericonicidade, buscar em Jean-Jacques Courtine (2011).

⁴ Professora titular em Ensino e Currículo da UFRGS.

⁵ GROS, Frédéric. Desobedecer. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

⁶ Professora do Departamento em Ensino e Currículo, UFRGS.

quando se está dentro, não se tem a mínima ideia de onde levarão, nem onde estão seus pontos de fuga, ou mesmo aqueles de aprisionamento. Lugar onde muitas vezes é preciso voltar sobre os próprios passos, para encontrar outras possibilidades de continuar em movimento; ou então gritar bem alto, para que o som da própria voz seja a única a fazer companhia, e não se morra de solidão.

O medo a enfrentar é nosso e conosco mesmo. O passo a ser dado precisa contemplar nosso domínio do fazer ciência, na busca de nossos empreendimentos empíricos, nosso olhar para si mesmo e para o outro na constituição dessa alteridade, mesmo descentrada, mas potente do ponto de vista de seu desmantelamento. Isso não significa ser alheio às verdades científicas, mas torná-las analisáveis, da ordem do possível, mas jamais eternas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As in-conclusões retratam bem o que ao longo de nosso diálogo propus: olhar para nossas vértebras científicas e pensá-las em suas fraturas, pontos de fuga e descentramentos disciplinares. O que objetivei foi promover deslocamentos, transgressões, ou seja, trabalho árduo, ousado e assinado, pois não há como situar-se na vizinhança, em cima do muro, quando se propõe trabalhar e reverberar saberes transdisciplinares.

Para não fugir do que sou, convido cada sujeito aqui presente, através de esforços transdisciplinares, a um verdadeiro grito de liberdade disciplinar, bem como, de estar sempre pronto para dizer com a força que vem de dentro de nossos desejos “educação para todos” e “nenhum direito a menos” para quem necessita, assim concluo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (Sujeito e História)
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault (1926 - 1984)**. Editorial Anagrama. Barcelona, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e Escritos III)

_____. **As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **La pintura de Manet**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.) **Por uma Linguística INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 34, p. 83-94, setembro/dezembro, 2009.

Submetido em: dezembro de 2018

Aprovado em: janeiro de 2019